

Ana Claudia de Ataíde Almeida Mota

ESCRITOS DA SÓROR JOANNA ANGÉLICA DE JESUS : SALVADOR (SÉCULOS XVIII E XIX)

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar um pequeno recorte da documentação produzida por Sórora Joanna Angélica de Jesus, religiosa baiana que viveu na cidade de Salvador entre os séculos XVIII - XIX, e se tornou uma importante personagem quando da independência da Bahia. Seus escritos são fontes fidedignas para o estudo da História da Língua. Em um momento da história, cuja boa parte da produção escrita era realizada por homens, os escritos de Sórora Joanna constituem um *corpus* relevante para a preservação da memória sócio-cultural e da escrita na Bahia de Todos os Santos.

Palavras-chave: religiosa; manuscritos baianos; edição semidiplomática

* Resultado da dissertação defendida em 2011, junto ao Programa de Filologia e Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

WRITINGS OF SOROR JOANNA ANGELICA DE JESUS: SALVADOR (18TH AND 19TH CENTURIAIS)

Abstract:

This article aims to present a short excerpt of the documentation produced by Sórora Joanna Angélica de Jesus, a Bahian nun who lived in the city of Salvador between the 18th and 19th centuries, and became an important character when Bahia was independence. His writings are reliable sources for the study of the History of Language. At a moment in history, much of which was written by men, the writings of Sórora Joanna constitute a relevant corpus for the preservation of socio-cultural memory and writing in Bahia de Todos os Santos.

Keywords: religious; Bahia manuscripts; semidiplomatic edition

ESCRITURAS DE SOROR JOANNA ANGÉLICA DE JESUS: SALVADOR (SIGLOS XVIII - XIX)

Resumen:

Este artículo tiene como objetivo presentar un breve extracto de la documentación producida por Sórora Joanna Angélica de Jesus, una monja bahiana que vivió en la ciudad de Salvador entre los siglos XVIII - XIX, y se convirtió en un personaje importante cuando Bahía fue independiente. Sus escritos son fuentes confiables para el estudio de la historia del lenguaje. En un momento de la historia, gran parte del cual fue escrito por hombres, los escritos de Sórora Joanna constituyen un corpus relevante para la preservación de la memoria sociocultural y la escritura en Bahía de Todos los Santos.

Palabras Clave: religiosa; manuscritos de Bahía; edición semidiplomática

Sóror Joanna Angélica de Jesus é uma importante personagem, quando se trata da temática referente aos mártires da independência da Bahia. Tal religiosa morreu a golpes de baioneta, proferidos por soldados lusitanos, visto que tentou impedir a entrada deles na clausura do Convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa, localizado em Salvador - Ba. Esse ato de bravura lhe custou a vida, mas permitiu que as religiosas ficassem ilesas. Joanna Angélica de Jesus desempenhou importantes funções no Convento da Lapa, quando exerceu a função de escritã e depois de abadessa, a qual cessou por ocasião da sua morte.

1 SÓROR JOANNA ANGÉLICA DE JESUS

Joanna Angélica de Jesus era soteropolitana, nasceu em Salvador em 11 de janeiro de 1762 e faleceu em 20 de fevereiro de 1822. Filha legítima do Capitão José Tavares de Almeida e de Catarina Maria da Silva. Aos vinte anos de idade recebeu o hábito de religiosa Concepcionista e viveu como tal por quarenta e um anos. Joanna Angélica foi uma religiosa de véu branco, em virtude da sua origem familiar e por esse motivo exerceu funções de destaque na vida do Convento, como escritã e Abadessa. A formação escolar de Joanna Angélica é uma incógnita, visto que não se localizaram dados referentes a essa questão. Ora, a origem familiar de Joanna Angélica, filha de Capitão, já é um indício de que a religiosa teve acesso a uma formação diferenciada. Chartier (1991, p. 117) ressalta que “nas sociedades antigas a educação das meninas inclui a aprendizagem da leitura, mas não a da escrita, inútil e perigosa para o sexo feminino”. Através dos seus escritos é possível, em virtude da destreza na escrita de Joanna Angélica, aferir que ela dominava o padrão de escrita vigente na época. Em consonância com a sua origem, Joanna Angélica foi admitida como uma religiosa de véu preto.

2 RELIGIOSAS DE VÉU BRANCO E VÉU PRETO

No período estudado, existiam duas classes de religiosas: as de véu preto e as de véu branco. As primeiras tinham de ser brancas e isso deveria ser comprovado através de “atestado de pureza de sangue”¹. Tais religiosas também tinham de pagar um dote, cujo valor pode-

ria ser muito elevado para os padrões socioeconômicos da época. Elas professavam votos solenes — votos perpétuos — e eram consideradas religiosas no sentido pleno da palavra, segundo Algranti (1992). O historiador Azzi traz informações sobre essas duas categorias de religiosas.

No Convento do Desterro havia duas categorias de religiosas: as de “véu preto”, consideradas monjas no sentido pleno, que faziam profissão solene e participavam do Ofício no coro. Nos primeiros tempos, as vagas de véu preto foram todas preenchidas pelas filhas de senhores de engenho de Salvador e do Recôncavo. Só mais tarde algumas filhas de comerciantes, geralmente ligadas por parentesco aos senhores de terras, foram também aceitas.

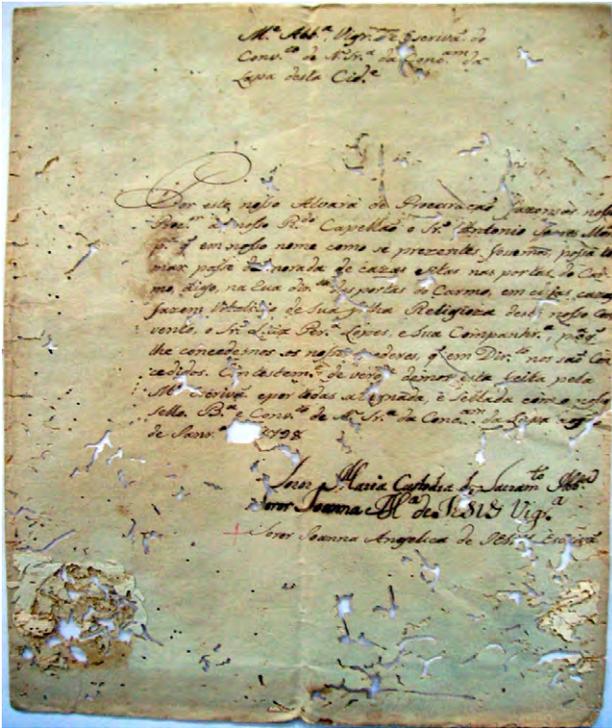
As religiosas de “véu branco” provinham de famílias lusas mais modestas, trazendo dote menor e exercendo funções mais humildes. Depois de algum tempo essa categoria praticamente desapareceu do Desterro na medida que suas vagas foram ocupadas por “véus pretos” por meio de concessões e privilégios dados pela Coroas a famílias de prestígio. (AZZI, 1989, pp. 47-48)

As freiras de véu branco não eram religiosas professas, ou seja, não compartilhavam dos votos solenes. Elas eram as responsáveis pelos serviços menos significativos da casa, como lavar, passar, cozinhar e limpar, enquanto que as de véu preto, a exemplo da Sóror Joanna Angélica, dedicavam-se apenas à vida religiosa e às questões administrativas. Durante o período que perdurava o noviciado das religiosas de véu preto, não poderiam exercer cargos administrativos. Os serviços mais pesados eram realizados pelas servas e escravas.

A seguir apresenta-se fac-símile seguido da edição semidiplomática² do Alvará redigido pela escritã Joanna Angélica de Jesus, em janeiro de 1798³. A edição semidiplomática trazida a lume baseia-se em critérios científicos, descritos nas “Normas para Transcrição

de Documentos Manuscritos para a História do Português do Brasil” apresentadas em Megale e Toledo Neto (2005) e visa a fornecer uma fonte fidedigna para estudos linguísticos. O *corpus* desta pesquisa é essencial para um estudo de base filológica com interesse específico em História da Língua dos séculos XVIII e XIX.

Figura 1 – Alvará manuscrito pela escritvã Joanna Angélica de Jesus, no alvorecer do século XIX.



||1r. | Madre Abbadessa Vigar[ia] eEscrivã do Convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa desta Cidade

Por este nosso Alvarà de Procuração fazemos nosso Procurador a[o]nosso Reverendo Capellaõ o Senhor Antonio So[a]res Moreira para que em nosso nome como se presentes fossemos, possa tomar posse d[a] morada de cazas Sitas nas portas do Carmo, digo, na rua direita d[a]s portas do Carmo, em cujas cazas fazem Vi[ta]li[ci]o deSuafilha Religioza des[te] nosso Convento, o Senhor Luiz Pereira Lopes, eSua Companheira, parao que lhe concedemos os nosso[s] [po]deres, que em Direito nos são Concedidos. Em testemunho de ver[d]ade demos esta feita pela Madre Escrivã, epor todas a[s]ignada, e Sellada com o nosso sello. Bahia e Convento de Nossa Senhora da Conceiçam da Lapa aos[corroído] de Janeiro [de] 1798

Soror Maria Custodia do Sacramento Abbadessa.
Soror Ioanna Maria de IESVS Vigar[ia]
Soror Ioanna Angelica de IESVS Esc[r]ivã⁴

Joanna Angélica foi eleita como abadessa do Convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa, em 14 de

outubro de 1814. No dia da eleição compareceram o bispo Dom Frei Francisco de São Damázio, o governador e também o Cônego Manoel de Almeida Sandes, o qual redigiu o termo de eleição. A seguir expõe-se fac-símile de uma procuração assinada pela então Abadessa Joanna Angélica de Jesus.

Figura 2 – Provisão assinada pela Abadessa Joanna Angélica de Jesus.



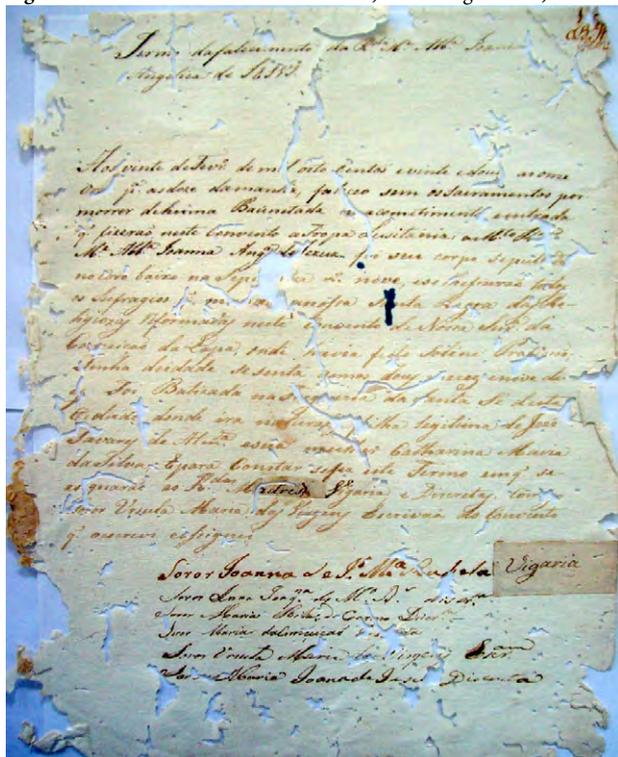
||1r.||A Reverenda Madre Abbadeça Escrivãa emais Religiozas da Governancia do Convento de Nossa Senhora da ConceiçãodaLapa desta Cidade

P[or] es[t]a p[or] hu[m]a de [n]os feita, eportodas assignadas Constituímos nosso bastante Procurador naVilla das Alagoas, e em todas as outras Vi[ll]as da mesma Comarca, Capitania de Pernambuco oSenhor Capitam Joaõ de B[a]stos, para que possa receber do nosso antigo Procurador oSenhor Ant[õ]nio Jozé de Caldas todas as q[u]an[t]ias, que o mesmo tiver arrecadado dos nossos devedores, p[r]incipalmen[t]e oque nos resta o Senhor Tenente Jozé de Barros Pimentel, ou seus herdeiros, por credito, ou Letra a ceita, e passada em 16 de Fevereiro de 1802, a pagamentos de cento e [s]incoenta mil reis, a vencer o primeiro pagamento no mez de Fevereiro de 1803, edoque tiver r[ec]ebido oSenhor Antonio Jozé de Caldas, ficará metade pertencendo aomesmo Senhor Caldas segundo o ajuste feito [pel]o nosso Procurador o Padre Antonio Soares Moreira, ficando Logo suspensos todos [os]po]deres Concedidos ao dito Sen[h]or Antonio Jozé deCaldas, porque todos os ditos poderes Constatuimos napessoa do Senhor Capitam Joaõ de Bastos, que poderá receber

de todos os devedores todas as quantias, passar recibos, quitacoẽns que pedidas lheforem, e bem assim tudo mais que nos he permitido em-Dereito, eõ para nos reservamos toda nova [c]jitação Bahia 2-de Oitobro de 1815 „[espaço] Eu Soror Luzia Maria das Chagas Escri-vaã actual do Convento o escrevi e assignei⁵
Soror Ioanna Angelica de IESVS Abbadeça
Soror Luzia Maria das Chagas Escrivaã
Soror Anna Ioaquina do Menino Deus Discreta
Soror Thomazia Maria doCoraçaõ deIezus Discreta
Soror Maria Roza do Nascimento Discreta,
 ODoutor

O último documento a ser reproduzido é o “Termo de falecimento” da Sórora Joanna Angélica de Jesus, que faleceu a golpes de baioneta, no dia 20 de fevereiro de 1822, proferidos por soldados lusitanos que queriam invadir o Convento da Lapa (SOUZA, 1992, p.23).

Figura 3 – Termo de falecimento da Sorora Joanna Angélica de Jesus.



[1r.] Term[o] defalecimento⁶ da Reverenda Madre Abbadeça Ioanna Angelica de JESVS⁷
 Aos vinte deFevereiro de m[i]l oito centos evinte edou[s] as onze or[as] para as doze daman[hã], fal[e]ceo sem os Sacramentos por morrer dehuma Baúnetada [por] a cometiment[o] e entrada que fizeraõ neste Convento a Tropa Lusitania: aMuito Reveren[da] Madre Abbadeça Ioanna Angelica [d]e [I]ezuz, f[o]i seu corpo [s] epul[ta]do no Coro baixo na Sep[ultur]a numero nove, ese lhefizeraõ todos os Sufragios [que] m[and]a anossa S[an]ta Regra das Religiozas Reformadas neste C[on]vento deNossa Senhora da Co[n]ceiçaõ da Lapa, onde havia feito Soléne Pro[f]issaõ;

Tinha deidade sesenta [a]nnos dous [m]ezez e nove di-a[s] Foi Batizada na [Fre]g[u]ezia da [S]anta Sé desta Cidade donde éra natura[l], [f]ilha legítima de Jozé [T]avares de Almeida esua mulher Catharina Maria daSilva; E para Constar sefez este Termo emque se-as[i]gnaraõ as Reverendas Madres Vigaria, e Discretas, Com[ig]o [S]oror Ursula Maria das Virgens Escrivaã do Convento que o escrevi e assignei⁸
Soror Ioanna de Iesus Maria Ra[fa]ela Vigaria⁹
Soror Anna Ioaquina do Menino Deus [D]iscreta
Soror Maria Rita d[o] Carmo Discreta
Soror Maria daComceiçaõ [Discre]ta
Soror Ursula Maria d[as] [V]irgens Escrivam
Sor[or] Maria Ioanade Iesu[s] Discreta

Joanna Angélica, madre superiora, agiu corajosamente com o intuito de resguardar a integridade das religiosas que habitavam aquele convento, pondo-se perante os soldados lusitanos para que não adentrassem na clausura. Consoante se descreve na Figura 3 a religiosa faleceu das 11h para 12h da manhã, de uma “baúnetada”, em consequência da entrada da topa lusitana no Convento. Na ocasião a abadessa tinha sessenta anos e faleceu sem receber o Sacramento da Penitência ou Reconciliação, conferido às pessoas enfermas ou moribundas. Há relatos de que os soldados violentaram muitas mulheres na cidade de Salvador, pelo que talvez fosse a preocupação da Abadessa. Joanna Angélica desempenha um papel importante na história da Bahia, pois, como Maria Quitéria e outras figuras femininas de destaque, é considerada uma das heroínas baianas nas lutas pela independência da Bahia. Para Risério (1994, p. 67), “a independência do Estado da Bahia teve um papel de suma importância para a realização da Independência do Brasil”.

A ilustração a seguir, cuja autoria é desconhecida, retrata o momento do crime cometido contra Joanna Angélica de Jesus. Nela verifica-se a entrada principal da clausura, guarnecida por um portão de ferro, o que indica que os soldados já teriam ultrapassado a entrada principal. Conforme Souza (SOUZA, 1922, p.34), a Madre Joanna Angélica teria solicitado que as outras religiosas fugissem para o quintal do Convento e a deixassem resolver a situação. Por essa decisão, apenas Joanna Angélica foi atingida, enquanto as outras religiosas permaneceram ilesas.

Figura 4- Ilustração representando o momento em que os soldados lusitanos invadem o Convento.



No tópico a seguir tratar-se-á sobre a fundação do Convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa, local que abrigou a Abadessa Joanna Angélica de Jesus, por mais de 41 anos.

3 FUNDAÇÃO DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA LAPA

Em concordância com as normas vigentes, que previam a autorização do rei e a aprovação canônica do Papa, fundou-se o Convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa, em 1744. A finalização da construção só foi possível após licenças régias de 1733 e pedidos insistentes da população, principalmente de João de Miranda Ribeiro¹⁰, que participou ativamente na conclusão da primeira etapa da construção. Para orientar as primeiras noviças, foram escolhidas as Madres Clarissas Sórora Maria Caetana da Assunção e Sórora Josefa Clara de Jesus, provenientes do Convento do Desterro. João de Miranda Ribeiro tinha motivos pessoais para arcar com todas essas despesas, porque possuía cinco filhas, e no Convento do Desterro¹¹ — único Convento da América Portuguesa — não existiam vagas para todos os pais que almejavam a vida religiosa para as suas filhas. Na citação abaixo, verifica-se a reprodução

de trecho do Documento 3, pertencente ao *corpus* desta pesquisa.¹² Trata-se de uma provisão na qual o Rei Dom José concedeu licença a João de Miranda Ribeiro para edificar o Convento.¹³

Faço saber aos que esta minha Provisão virem que tendo respeito a mim porque representar João Miranda Ribeiro que sendo eu servido conceder lhe Licença para erigir um Convento de Religiosas recolhidas junto a uma Capela dedicada a Nossa Senhora da Lapa que ele suplicante tendo feito edificar a sua custa para comodidade dos moradores do bairro do Tororó da Cidade da Bahia pela necessidade que tinham da Igreja para ouvirem missa começou a dita obra aproveitando se das terras que para ela lhe deixou o Capitão João Pinto Brandão. (Documento 3 da edição, linha 2-9).¹⁴

A construção erigida para abrigar as religiosas do Convento da Lapa funcionou como casa religiosa até 1989. Em decorrência de obras realizadas pela Prefeitura de Salvador, na Estação da Lapa, as religiosas que lá habitavam foram transferidas para o bairro de Brotas, também localizado em Salvador. Após a transferência, a nova sede do Convento da Lapa passou a ter a denominação de Mosteiro da Ordem da Imaculada Conceição da Bahia, visto essa ser a designação de mosteiro mais adequada para locais que abrigam monges e monjas. A denominação de Convento refere-se à habitação de religiosos e religiosas, os quais não necessariamente seguem uma vida monástica, com clausura. Atualmente, na antiga sede do Convento da Lapa, funciona um dos *campi* da Universidade Católica de Salvador. Nesse *campus* são desenvolvidas as atividades do Curso de Letras.

O conjunto arquitetônico do Convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa era originalmente formado pelo convento, igreja, casa do capelão e roça. Desses ambientes, o único que continua exercendo a sua função inicial é a igreja, pois lá ainda se celebram missas diariamente, com a participação do público em geral. A planta da igreja apresenta nave única e a peculiaridade de ter acesso lateral, “coro baixo” e “coro alto”. A torre, de terminação piramidal, situa-se próxima à

capela-mor. A entrada do convento era precedida por pátio com a casa do capelão à direita. A construção conventual em alvenaria desenvolve-se em torno de um claustro retangular, apresentando mirante na esquina direita, elemento comum em conventos baianos de religiosas, e a igreja na outra extremidade, prolongando-se na fachada.¹⁵ A igreja foi, portanto, a única parte da construção que não sofreu adaptações para receber a Universidade Católica. Todo o resto do Convento foi adaptado para abrigar salas de aula, auditórios e escritórios. Do passado se conservam as lápides funerárias, visto que a maioria das suas religiosas foi sepultada no próprio Convento. Também se manteve uma lápide indicando a antiga cela da Madre Joanna Angélica, que hoje é a antessala de um auditório. A Figura 5 apresenta imagem interna da Igreja, com visualização do altar, do coro alto e coro baixo e imagem no centro de Nossa Senhora da Conceição da Lapa. Localizam-se lateralmente duas pinturas em azulejaria portuguesa, ademais se observam que muitas partes da construção e dos objetos são banhadas a ouro, componente de destaque nas igrejas baianas do período colonial.¹⁶

Figura 5- Altar principal da Igreja.



A Figura 6 apresenta vista externa e atual do Convento, localizado na Avenida Joana Angélica, Salvador-Ba.

Figura 6- Visão da fachada do Convento.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Almejou-se apresentar neste artigo um pequeno recorte da documentação produzida pela Escrava e Abadessa Joanna Angélica, entre os séculos XVIII e XIX. Os seus escritos servem de fonte fidedigna para os estudos que versam sobre a história da língua, posto que oferece como peculiaridade o fato de serem textos redigidos por mulheres. Boa parte da documentação coeva foi produzida por indivíduos do sexo masculino, o que confere relevante contribuição do *corpus* produzido no Convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa. A importância dos documentos aqui apresentados parece notável, pelo fato de propiciarem, em última instância, a preservação da memória de um acervo tão rico, embora até há pouco tempo relegado ao quase que total esquecimento.

NOTAS DE RODAPÉ

- 1 O atestado de pureza de sangue comprova que o indivíduo em questão não possui na sua genealogia sangue de judeu, negro ou mouro.
- 2 A edição semidiplomática trazida a lume baseia-se em critérios científicos, descritos nas “Normas para Transcrição de Documentos Manuscritos para a História do Português do Brasil” apresentadas em Megale e Toledo Neto (2005) e visa a fornecer uma fonte fidedigna para estudos linguísticos.
- 3 Os manuscritos ora apresentados foram gentilmente cedidos pelas religiosas do Mosteiro de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, na pessoa da Madre Lindinalva Maria de Jesus. Tais religiosas estão de posse de todos os documentos que foram produzidos no Convento da Lapa.
- 4 A assinatura de Joanna Angélica é precedida por um “x” em vermelho manuscrito posteriormente, e que tem por objetivo identificar a autora material do documento. Vestígios de selo corroído na margem inferior à esquerda.
- 5 À esquerda, há um selo do convento, de papel, com vestígios de lacre.
- 6 “Dafalecimento” por “defalecimento”.
- 7 No canto superior direito, está a rubrica do Padre Manoel de Jesus Bahia.
- 8 Na margem esquerda, vestígio de lacre de selo.
- 9 A palavra “Vigaria” vem escrita sobre fragmento de papel colado no fólio.
- 10 Grande proprietário de terras da região. Doou o terreno para a construção do convento, localizado na Av. Joanna Angélica, em Salvador-Ba.
- 11 Termo de recepção e estabelecimento do Convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa, 1744. Arquivo Mosteiro da Ordem da Imaculada Conceição da Bahia (OMC-Ba).
- 12 Para ter acesso a tais informações, conferir a dissertação de Mota, Ana Claudia de Ataíde Almeida. Documentos avulsos do Convento da Lapa (Salvador, Bahia, séculos XVIII e XIX): Edição e estudo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-19102011-125754/pt-br.php>. Acesso em: 20 de jun. de 2016.
- 13 Provisão do rei D. João V ordenando que o Arcebispo da Bahia dê seu parecer para edificar a sua custa um convento de religiosas na capela que instituiu com o título de Nossa Senhora da Lapa, 1731. AHU, Avulsos Bahia, Caixa 39. Documento 3507.
- 14 Foram suprimidas as intervenções de leituras constantes na edição, a partir deste ponto todas as citações de documento apresentam ortografia foi atualizada.
- 15 Podem-se ver torres igualmente no Convento de Santa Clara do Desterro e das Ursulinas.
- 16 Como a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco que apresenta boa parte da construção banhada a ouro.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, Vera Lúcia Costa. **A escrita no Brasil colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos**. Recife: UFPE/ Massangana, 1994.
- ALGRANTI, Leila. **Honradas e devotas: Mulheres da Colônia**. (Estudo sobre a condição feminina através dos conventos e reco-

lhimentos do Sudeste-1750-1822) Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1992.

ATAÍDE e MELLO, Arnaldo Faria. **O papel como elemento de identificação**. Lisboa: Oficinas gráficas da Biblioteca Nacional, 1926.

AZZI, Rioldo (Org). **A vida religiosa no Brasil: enfoques históricos**. São Paulo: Paulinas, 1983.

BELLOTO, Heloísa Liberalli. “Glossário das Espécies Documentais”. In: ARRUDA, José Jobson de Andrade (coord.); BELLOTO, Heloísa Liberalli & REIS, Gilson Sérgio de Matos (orgs.). **Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de São Paulo (1644-1830): Catálogo I**. Bauru, Edusc, 2000.

BLUTEAU, Rafael. **Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico (...)** Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>. Acesso em: 15 de dezembro de 2012.

CHARTIER, Roger. **As práticas da escrita**. In: História da vida privada, 3: da Renascença ao século das luzes. Org. Roger Chartier; tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhias das Letras, 1991.

SPAGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. **Fundamentos da crítica textual**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. **Introdução à edótica: crítica textual**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

SOUZA, Bernardino José de. **Joanna Angélica: A primeira heroína da Independência do Brasil**. Imprensa Oficial do Estado. Monografia comemorativa ao 1º centenário da morte da Me. Joana Angélica de Jesus, 1922.

SOUZA, Bernardino José de. **Heroínas baianas**. Empresa Gráfica de “Revista dos Tribunais”. São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1936.

A AUTORA

Ana Claudia de Ataíde Almeida Mota Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (2016). Mestre em Letras, Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2011). Atualmente, é professora titular da Universidade Tiradentes. E-mail: anacaamota@gmail.com